

Sérgio Telles

Peixe de bicicleta

2ª edição



tao
PB

Sérgio Telles

PEIXE DE BICICLETA

2ª edição

*Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) 2002
na categoria Literatura – Melhores Contos*

Peixe de bicicleta

© 2002 Sérgio Telles

1ª edição – EdUFSCar, 2002

2ª edição – TAO, 2022

TAO Editora

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Produção editorial Lidiane Gonçalves

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto



Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Telles, Sérgio
Peixe de bicicleta / Sérgio Telles. – 2 ed. –
São Paulo : TAO, 2022.
116 p.

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

Bibliografia
ISBN 978-65-89913-05-4 (impresso)
ISBN 978-65-89913-06-1 (eletrônico)

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios, sem autorização escrita
da Editora.

1. Contos brasileiros. 2. Emoções.
I. Título.

22-1697 CDD B869.3

Todos os direitos reservados pela Tao Editora.

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros

Conteúdo

| | |
|---|-----|
| Uma coleção de lápis..... | 9 |
| O colchão listras azuis..... | 15 |
| Quando Cora cala..... | 17 |
| Encontro..... | 23 |
| Peixe de bicicleta..... | 29 |
| Mesa..... | 35 |
| Mus-eu..... | 37 |
| Cicatriz de bala..... | 43 |
| Barriga adentro..... | 49 |
| De cruzadista a rato de biblioteca..... | 55 |
| Tique nervoso..... | 59 |
| Saudades de Francisca Turner..... | 63 |
| A retirada..... | 65 |
| Candelabro italiano..... | 71 |
| Feijão..... | 75 |
| Um bilhete de amor..... | 79 |
| Um jantar..... | 81 |
| Sabonetes de luxo..... | 103 |
| No meio do caminho..... | 105 |
| Despedida..... | 111 |
| <i>Posfácio</i> | 113 |

Uma coleção de lápis

Já não deveria ser tão difícil. Pensava estar mais calejado, afinal é minha quarta separação. Mas continua sendo como na primeira.

Alice me esculhambou, disse o diabo. Egoísta, narcisista, louco, filho da puta, mau caráter, neurótico. Tudo como nas outras vezes. A única diferença é que nesta sou o que tem de fazer as malas.

Deixo a casa, com móveis e objetos, para Alice. Faço isso não tanto por bondade, mas para realizar um projeto antigo: mudar para um apartamento moderno, pequeno, branco e claro; me desfazer da tralha que acumulei no correr dos anos, isso que chamo de *antiguidades*, mas que, na verdade, não passa de um amontoado de velharias, móveis de segunda mão, cacarecos. Vou fazer como na música. Levar só alguns de meus livros e discos, e nada mais. Vai ser bom. Vida nova em cenário novo.

Mas não é tão simples. Não é possível dar casa e móveis e sair tranquilamente. Há um extenso mundo esquecido *dentro* dos móveis que precisa ser revisitado antes de partir e esta não é uma visita fácil. Guardamos objetos pelas lembranças incrustadas em sua materialidade. Mexer neles provoca inevitável reencontro com velhos sentimentos.

Agora tenho não só de mexer nos objetos guardados, mas escolher os que vou manter e os que vão para o lixo. Ou seja, o que vou guardar na memória e o que esquecerei definitivamente.

Deixara por último o armário do corredor. Não imaginava o que iria encontrar, tantos anos não o abria. A primeira coisa que peguei foi esta velha caixa de sapatos, que se rasgou com o peso de seu conteúdo, espalhando pelo chão minha antiga coleção de lápis.

Minha coleção de lápis! E onde estaria minha outra coleção, a de caixas de fósforo? Que fim teria levado? Estava numa lata de biscoitos Aymoré, uma lata que achava linda. Estaria também ali no armário?

Juntando os lápis espalhados pelo chão, com pesar decidi me desfazer deles. Não havia motivos para voltar a guardá-los nem imaginava a quem poderiam interessar.

Vendo-os espalhados pelo chão, lembrei do prazer que me davam. Gostava de manuseá-los, comparando-os um a um, agrupando-os em função da cor, da proveniência (pois eu os tinha de vários estados e cidades), dos diferentes estabelecimentos comerciais neles anunciados.

Enquanto os recolhia encontrei o que era meu lápis predileto. Gostava tanto dele que o mantinha na coleção apesar de não estar intacto, pré-requisito básico para dela fazer parte. Lápis usado, com as sucessivas aparas que sofrera, tinha perdido um terço de seu tamanho. Fazia propaganda de uma mercearia de Recife e o que o tornava especial era seu nome, o mesmo de minha mãe. Aqui estava: amarelo-escuro com as negras palavras *MERCEARIA SUZANA*, o *SUZANA* em letra cursiva, elegante e macia.

Com o lápis amarelo na mão, quis interromper aquelas lembranças. Não podia me deixar levar pela nostalgia naquele momento. Muita coisa restava para ser vista no armário. Estava com pressa.

Mas era tarde demais. Ainda com o lápis da *MERCEARIA SUZANA* na mão, me vi diante de Luizinha e da coleção de lápis de Tia Laura.

Tia Laura, irmã mais nova de meu pai e a tia mais querida, ensinava inglês e suas alunas a adoravam. Uma delas, Luizinha, levava quase todo dia um novo lápis para sua coleção. Isso se tornou uma espécie de ritual que acontecia na hora do jantar. Luizinha tocava a campainha e lá ia tia Laura receber o lápis.

Logo toda a família tomou conhecimento do fato e apreciava a delicadeza da aluna. Não devia ser fácil para ela achar lápis diferentes para presentear. Tia Laura reconhecia isto e, com Luizinha, mostrava-se grata e satisfeita.

Entre nós, presa de acessos de mau humor, queixava-se com enfado daquela devoção um tanto excessiva, da rotina que se tornara incômoda – o ter de receber na hora do jantar um lápis novo e mostrar-se contente com a adoração ilimitada que Luizinha lhe dedicava.

Ouvi aquelas queixas de Tia Laura várias vezes e, uma noite, estando sozinho na porta da casa de minha avó, vejo Luizinha chegar.

– Minha tia disse que acha muito chato ter de receber você e seus lápis – disse-lhe à queima-roupa, antes que ela abrisse a boca.

Vi o efeito devastador de minha fala. Suas faces amoleceram e despendicaram, perdendo as formas. Mas Luizinha logo se recuperou com a chegada de sua mestra. Aquela foi a última vez que Tia Laura recebeu seu presente.

Todos estranharam. Tia Laura mais ainda, pois notara que mesmo no Colégio, onde a encontrava nas aulas ou no recreio, Luizinha mal a cumprimentava. Perguntaram-me o que sabia, se fizera algo, se tinha dito alguma coisa diferente quando a recebera na porta.

Declarei minha inocência, disse nada saber. Mas tudo estava claro em minha cabeça.

Se me sentia mal lhes mentindo, logo me perdoava. Afinal, não faziam o mesmo? Não mentia Tia Laura para Luizinha, ao afetar uma satisfação que não sentia? Se já não se importava com a cole-

ção, não teria sido mais leal com Luizinha informá-la disso, poupando-a da dura incumbência que se tinha imposto?

É verdade que a atitude de tia Laura tinha um desagravante, mal podia ser vista como mentira. Obedecia às regras da boa educação e esta estabelece que nem tudo pode ser dito.

Mas afirmar que meu comportamento com Luizinha fora motivado pelo desejo de falar a verdade ou por não ter naquela ocasião noção clara do que se pode dizer socialmente seria uma balela, uma hipocrisia.

Alegar que fui movido por um desejo altruísta de poupar minha tia de um contínuo aborrecimento tampouco me convence.

Me soa muito mais verdadeiro pensar que fui levado pelo ciúme. Sim, tinha ciúmes daquela Luizinha que amava minha tia com tanta intensidade a ponto de impor-lhe uma situação à qual ela era forçada a se submeter, agindo contra sua própria vontade.

Também me deixava invejoso a capacidade de amar que Luizinha demonstrava de forma tão inquestionável, fazendo sacrifícios tão grandes, movendo mundos e fundos para encontrar lápis novos, abalando-se quase todo dia até a casa de minha avó para entregá-los.

Alguma coisa me dizia que eu não tinha, nem jamais teria, essa capacidade, essa coragem de amar tão aberta e abnegadamente. Constatá-la em Luizinha me era insuportável. Por isso tentei destruí-la.

Gostei de ver suas feições se desfazerem com o golpe que lhe apliquei. Me deu prazer pensar que ela se sentiria humilhada ao voltar para casa naquele dia, imaginando-se objeto de escárnio da família de sua amada professora.

O engraçado é que, logo depois da desistência de Luizinha, eu, que nunca tinha pensado em colecionar lápis, comecei minha coleção. Sei lá por quê. Uma escondida penitência? Um secreto pedido de desculpas?

Não gosto dessas lembranças. Fazem me sentir maldoso, mesquinho. Além do mais, não poderiam surgir numa pior hora, neste momento de separação. Parecem um presságio do que me aconteceria, uma antevisão de minha incapacidade de amar. Imagina se Alice sabe uma história dessas. Ia deitar e rolar

Não havia mais nenhum lápis pelo chão. Estavam todos novamente juntos, ao lado do que restava da caixa de sapatos, dentro do grande saco plástico azul, no lixo.

Voltei ao armário. Que mais teria por ali?

O colchão listras azuis

A compra de colchões novos era um grande acontecimento. O pai os adquiria na fábrica, onde eram feitos com palha seca e perfumada, apertada dentro do tecido com largas listras azuis e brancas.

Não havia nada melhor no mundo que, à noite, se deitar naqueles colchões altos, fofos, gordos. Sentir o cheiro de sua palha nova em folha, fazendo mil barulhinhos ao ser amassada com o peso do corpo.

Com o tempo e o uso, os colchões iam se achatando e perdendo o cheiro gostoso.

Isso o dos irmãos, pois o de Júlio exalava então um terrível cheiro de urina, além de estar manchado e disforme de tanto ser arrastado para secar ao sol, expondo assim – para a família, para a vizinhança, para o mundo – sua vergonha, sua miséria, sua tristeza.

Nos momentos mais inesperados, a imagem ignominiosa daquele colchão podia ser brandida contra sua pessoa. O poder de fogo dessa munição inimiga era arrasador, não havia defesa possível. Júlio vivia refém à mercê da chantagem dos irmãos e outros meninos que circulavam por sua casa. Impossível mostrar-se forte. Qualquer tentativa fazia com que a ameaça que pairava latente se concretizasse na mais cruel das humilhações.

Na solidão imensa em que se exilava e maldizia, Júlio tentava descobrir o mistério: por que fora o escolhido para carregar aquele fardo que o esmagava, que exigia uma força muito maior do que aquela que tinha penosamente amealhado em cada minuto de seus exatos dez anos? Por que só ele? Que teria feito para merecer semelhante castigo?

Quando via seu colchão de listras azuis secando ao sol, Júlio lembrava do uniforme listrado dos prisioneiros dos campos de concentração, personagens de angustiantes filmes vistos aos domingos, homens que – Júlio tinha certeza – eram tão desesperados e infelizes como ele mesmo.

Nos filmes, alguns resistiam e conseguiam escapar. Júlio se perguntava quanto mais aguentaria.



Com aguda sensibilidade para os múltiplos sentidos que podem ser extraídos dos detalhes mais insignificantes de uma existência, Telles nos oferece neste livro vinte textos curtos, de características variadas. (...) Alguns são narrativas no sentido tradicional da palavra, ordenadas com começo, meio e fim, e uma certa tensão dramática, conduzindo a atenção do leitor. (...) Outros são pequenas crônicas, fragmentos, flashes do tempo perdido como o belo “Mesa” ou o comovente “Um Bilhete de Amor”. São descrições com alto poder de condensação que não precisam contar uma história para se justificar.

Maria Rita Kehl

Sérgio Telles sempre se apoia no personagem como metáfora, cujas ações e comportamentos, bons ou maus, servem apenas para complementar sua versão aparentemente irônica do tema da sobrevivência do mais forte. De fato, *Peixe de bicicleta* gira em torno desse inesgotável problema.

Malcolm Silverman



www.taoeditora.com.br

tao



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Peixe de Bicicleta

Sérgio Telles

ISBN: 9786589913054

Páginas: 116

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
